

GT 08 : MODA E ESTILOS DE VIDA

**A moda entre a ação individual e a estrutura social na  
teorização sociológica e cultural**

*The fashion between individual action and social structure in  
sociological and cultural theory*

*Luciana Crivellari Dulci<sup>1</sup>*

**Resumo**

Este trabalho é um ensaio teórico que tem como proposta tecer uma reflexão sobre uma das tensões teóricas mais debatidas na sociologia que é a relação entre a ação individual e a estrutura social. Essa tensão teórica se aplica às análises sobre a esfera cultural e acaba por chegar à moda no vestuário.

**Palavras-chave:** moda – ação individual – estrutura social – sociologia da moda

**Abstract**

*This work is a theoretical essay that proposes weave a reflection on one of the theoretical tensions most debated in sociology that is the relationship between individual action and social structure . This theoretical voltage is applied to the analysis of the cultural sphere and eventually get to the fashion in clothing .*

**Keywords:** fashion – individual action – social structure – sociology of fashion

---

<sup>1</sup> Professora e Pesquisadora na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP/MG). Doutora em Sociologia, membro da ABEPÊM e do Comitê Científico do Colóquio de Moda.

## Introdução

Uma das tensões teóricas mais debatidas na sociologia é a relação entre ação e estrutura. Essa tensão teórica se aplica também às reflexões sobre a esfera cultural e acaba por chegar à moda no vestuário. Desde os autores clássicos, a sociologia se preocupa em compreender a relação que se dá entre as ações praticadas pelos indivíduos e as estruturas que possam ou não existir, mais ou menos sistematizadas, na sociedade em que foram socializados. Assim, diferentes teóricos pensaram sobre a natureza da ação humana e sua relação com as instituições sociais. Esse debate dividiu, por um bom tempo, o pensamento sociológico em duas perspectivas dicotômicas: a objetivista e a subjetivista.

Na perspectiva objetivista, a ideia central é de primazia das estruturas sociais sobre a ação individual, ressaltando, inclusive, as qualidades restritivas e condicionantes das estruturas. Nestas teorias há uma inclinação a considerar um dualismo entre sujeito e objeto social. A “estrutura” social apresenta-se como “externa” à ação humana, uma fonte de restrição à livre iniciativa do sujeito independentemente constituído (GIDDENS, 1989, p.13). Essa linha de pensamento retoma os clássicos Karl Marx e Émile Durkheim, passando ainda pelo funcionalismo e estruturalismo. A perspectiva subjetivista engloba os teóricos da sociologia interpretativa, desde Max Weber, passando pelos interacionistas e etnometodólogos e praticamente desconsideram o condicionamento das ações humanas pela atuação de influências estruturais externas.

A moda no vestuário poderia parecer a uma leitura objetivista como uma imposição de tendências, cores e modelagens aos indivíduos, principalmente aos que são chamados de *fashion victims* – as pessoas que estão mais sujeitas a serem comparadas com “vítimas”, seguidoras fiéis, em relação aos modismos. Em outro olhar, mais subjetivista, a(s) moda(s) do vestuário estaria(m) sendo produzida(s) a todo o tempo pelos indivíduos, como um

resultado das interações nos espaços sociais. Os atores sociais/indivíduos são ativos na construção da moda – como uma instituição social – interagindo com ela e transformando-a sempre que for percebida a necessidade. As escolhas e práticas individuais, relacionadas ao vestuário, não seriam decorrência de ditames da moda, como normas comportamentais. As pessoas possuem a capacidade da reflexividade e utilizam-se de procedimentos interpretativos para lidarem com as significações do vestuário e as representações simbólicas que estes mesmos atores corporificam, de acordo com suas preferências individuais.

Não obstante, o fenômeno da moda no vestuário não pode ser percebido nem só por uma perspectiva objetivista ou apenas pela leitura subjetivista. As tendências e sugestões de usos no vestuário – vinculadas pelos estilistas, produtores, mídias, formadores de opinião ou membros de seu grupo de pertencimento – não são uma imposição externa ao indivíduo. Assim também, os indivíduos não transitam pelo espaço social criando “modas” de maneira totalmente independente de uma consciência coletiva, já que estas modas são criadas a partir do convívio com outros indivíduos. O fenômeno da moda no vestuário é um fenômeno social e, portanto, só pode ser percebido em uma relação de complementaridade entre as criações individuais e as sugestões instituídas de modo social. Daí a pertinência do pensamento de Anthony Giddens e Pierre Bourdieu, que contribuíram no debate contemporâneo desta questão, pois orientam suas teorias sobre o espaço social em uma posição intermediária entre a percepção subjetivista da relação ação/estrutura e a perspectiva objetivista.

A proposta teórica destes dois autores, ainda que distintas na forma como são construídas, têm em comum o fato de proporem a superação da dicotomia ação-estrutura, bem como objetividade-subjetividade. Sugerem que entre as ações dos agentes sociais e as estruturas criadas, mantidas ou transformadas na sociedade, existe uma relação dialética e não de condicionamento total das estruturas sobre as ações – perspectiva objetivista – ou de autonomia absoluta do agente social em relação às estruturas que existem nas sociedades – perspectiva subjetivista.

## **Giddens e a teoria da estruturação**

O argumento de Anthony Giddens (1989), em sua teoria da estruturação, é de que, na vida social, pressupõem-se a relação entre a ação social do indivíduo e as propriedades das coletividades. Giddens resiste a uma perspectiva uniformitária, pois, para este autor, não se postulam necessidades universais nem para as coletividades, nem para os atores sociais, sendo portanto, inadequadas as teorias positivistas ou funcionalistas. A sociedade é produzida e reproduzida pelos próprios agentes sociais. São eles os responsáveis por construir, manter ou transformar suas próprias circunstâncias históricas, bem como as formas estruturadas que se apresentem na sociedade.

Em continuidade com a teoria da estruturação, elaborada por este autor, crítica também é feita à posição subjetivista dos interacionistas e etnometodólogos. Estas correntes teóricas concentram-se na produção da ação social, desinteressando-se por regularidades sociais e enfatizando a associação intrínseca entre ação e comunicação, considerando especialmente os aspectos discursivos da conduta. Giddens aceita a conversação e a negociação de significado, características proeminentes das práticas sociais, enfatizadas pelos teóricos da ação. Contudo, a análise que propõe vai além da consideração dos modos de conduta, comunicação e como decorrem as interações sociais avaliadas apenas pelos sujeitos das ações. “A concepção de ação na teoria da estruturação resiste às polaridades do determinismo total e da liberdade total, ao mesmo passo que preserva todas as possibilidades entre esses dois extremos” (COHEN, 1999, P.41).

Seu pensamento considera a ação individual e a relação desta com as estruturas ou sistemas sociais. Mesmo que se verifiquem regularidades nas condutas dos agentes sociais, para Giddens é claro que: em qualquer momento histórico, em qualquer sequência de conduta de qualquer agente, este poderia ter atuado de maneira diferente daquela como atuou. Com esta ideia, Giddens não pretende negar que grande parte da vida social consiste em regularidades de conduta dos atores, mas pretende se posicionar em relação a estas regularidades, que nunca seriam produtos de uma ordem de uniformidades trans-históricas. Inclusive, observando-se diferentes civilizações

e sociedades, a variabilidade das práticas parece mais pronunciada do que suas similaridades. O conceito de ação só pode ser adequadamente percebido pelos diferentes modos de atividades historicamente específicos, pois todas as práticas e circunstâncias estão sujeitas à mudança (COHEN, 1999, pp.410-417). A teoria da estruturação sempre considera que os agentes sociais detêm a capacidade de agir de um modo diferente do que fazem. Os atores têm certa autonomia sobre as regras, os padrões sociais, tanto que não há nenhuma garantia de que os agentes irão reproduzir regularidades de conduta do modo como o fizeram anteriormente.

Em outra frente de argumentação, Giddens considera as investigações garfinkelianas (GARFINKEL, 1967) sobre a responsabilidade racional da ação como altamente significativas para uma compreensão da conduta social, assim como também as pesquisas de Goffman em torno da apresentação e representação dos sujeitos sociais em cenários específicos e como esta apresentação se relaciona com a linguagem e a gesticulação corporal. Erving Goffman expressa, em sua obra, uma preocupação com a ordenação temporal e espacial da atividade social. Para Giddens, é importante a contribuição de Goffman na exploração das relações entre consciência discursiva e consciência prática nos contextos de encontros. Mas não se poderia reduzir a compreensão das práticas sociais por elas mesmas. Estes autores se aproximam de um interesse pela reprodução de regularidades das práticas sociais, quando dizem das expectativas padronizadas acerca do caráter e das consequências da ação social, mas não desenvolvem a relação da ação individual com as formas de estruturação coletivas. O entendimento destas teorias é de que as ações padronizadas são criadas e mantidas pelos atores sociais durante o curso dessas mesmas ações. O problema apontado por muitos críticos dos interacionistas é que as análises dos encontros sociais, feitas pelos interacionistas, pressupõem a existência de agentes motivados, em vez de investigar as origens da motivação humana (GIDDENS, 1989, p.56).

Importante para a teoria da estruturação é considerar as práticas sociais ordenadas no espaço e no tempo. Não a experiência irreal do ator individual ou a existência de qualquer forma de totalidade social. De influência da hermenêutica, Giddens concorda que a continuidade de práticas presume

reflexividade, como “algo assentado na monitoração contínua da ação que os seres humanos exibem, esperando o mesmo dos outros” (GIDDENS, 1989, pp.2-3). Ainda que o fundamento das instituições pareça solidificado no inconsciente dos agentes sociais, isso não coíbe suficientemente a operação de forças sociais autônomas, permitindo, portanto, a existência de reflexividade e de alteração nas “regras” de instituições muito tradicionais. Por outro lado, também não impede que as relações sociais e as práticas que lhes conferem sentido, constituídas e reconstituídas pelos agentes sociais, sejam reificadas na vida social. As regras e os recursos esboçados na produção e na reprodução da ação social são, ao mesmo tempo, os meios de reprodução do sistema recursivamente organizado, esta é a dualidade da estrutura (GIDDENS, 1989, p.15).

Ao analisar relações sociais tem-se de reconhecer tanto a padronização destas relações no tempo-espaço, envolvendo a reprodução de práticas localizadas, quanto uma dimensão paradigmática, envolvendo uma ordem virtual de “modos de estruturação” recursivamente implicados em tal reprodução. A estrutura só existe como presença espaço-temporal, em suas exemplificações de práticas sociais reproduzidas e com traços orientadores da conduta de agentes humanos que são dotados de capacidade cognoscitiva. As práticas sociais que possuem maior extensão espaço-temporal são designadas como instituições.

Giddens, em oposição à Garfinkel, dá grande ênfase às formas de conduta persistentemente repetidas, considerando ainda, as capacidades cognitivas humanas. Aproximando-se de Goffman, a teoria da estruturação considera também os aspectos da contextualidade que são estabelecidos nos gestos não-verbais. Para Giddens, a dualidade da estrutura implica em que:

Desprezar a reprodução de regularidades na prática torna impossível determinar como as propriedades estruturais resistentes são geradas e mantidas; inversamente, desprezar as propriedades estruturais torna impossível determinar as circunstâncias que os agentes requerem pra reproduzir tais regularidades (*apud* COHEN,1999, p.418).

O argumento de Anthony Giddens vai na mesma direção do de Pierre Bourdieu. Para ambos os autores, as relações sociais remetem à estruturação

das práticas nos sistemas sociais. Elas são concebidas como reprodução recursiva das propriedades e formas estruturais da práxis social, sendo estruturadas por meio das regras incrustadas nas práticas de interação, em conformidade ao posicionamento dos indivíduos no espaço social, com suas categorias e vínculos simbólicos.

Para exemplificar a exposição dialética que orienta o pensamento de Anthony Giddens, na questão que envolve a relação entre ação e estrutura, seguem estas linhas:

Todos os membros competentes da sociedade são imensamente talentosos nas realizações práticas de atividades sociais e hábeis “sociólogos”. O conhecimento que eles possuem não é secundário para a padronização persistente da vida social, mas faz parte dela. Importante enfatizar isso, para evitar os erros do funcionalismo e do estruturalismo, que procuram as origens das ações envolvidas na estruturação de práticas sociais em fenômenos que esses agentes ignoram. É igualmente importante evitar cair-se no equívoco oposto das abordagens hermenêuticas e de várias versões da fenomenologia, que tendem a considerar a sociedade como a criação plástica de sujeitos humanos. A estrutura não tem existência independente do conhecimento que os agentes possuem a respeito do que fazem em sua atividade cotidiana. Os agentes humanos sempre sabem o que estão fazendo no nível da consciência discursiva, sob alguma forma de descrição (GIDDENS, 1980, pp.21-22).

### **Bourdieu e a relação entre ação e estrutura**

Na teorização de Bourdieu sobre a relação entre ação e estrutura ele se refere a um estruturalismo construtivista ou um construtivismo estruturalista:

Por estruturalismo ou estruturalista, quero dizer que existem, no próprio mundo social e não apenas nos sistemas simbólicos – linguagem, mito etc. – estruturas objetivas, independentes da consciência e da vontade dos agentes, as quais são capazes de orientar ou coagir suas práticas e representações. Por construtivismo, quero dizer que há, de um lado, uma gênese social dos esquemas de percepção, pensamento e ação que são constitutivos do que chamo de *habitus* e, de outro, das estruturas sociais, em particular do que chamo de campos e grupos, e particularmente, do que se costuma chamar de classes sociais (BOURDIEU, 1990, p.149).

Bourdieu acredita então ter superado a dicotomia entre a perspectiva objetivista, onde o conhecimento científico e, portanto, o entendimento das ações sociais, só é obtido mediante uma ruptura com as estruturas já existentes – chamadas “pré-noções” em Durkheim e “ideologia” em Marx – e a perspectiva subjetivista, onde o conhecimento das ações sociais vem a partir de uma “construção das construções”, parecendo estar em continuidade com o senso comum. A superação da oposição artificial, para o autor, entre estruturas e representações, se explica pela relação dialética que existe entre elas. As representações subjetivistas dos agentes têm como fundamento as estruturas objetivas da sociedade, que pesam também nas interações. Por outro lado, estas mesmas representações subjetivas vão construindo estruturas de comportamento na sociedade, em sentido afirmativo, para manter as estruturas já existentes, ou em sentido de oposição, quando o propósito é transformar tais construções objetivistas na sociedade.

O espaço social tende a funcionar como um espaço simbólico, um espaço de classes ou grupos divididos por diferentes estilos de vida e estatutos, originados justamente nas diferenças dos *habitus* e estilos de vida dos agentes sociais. Os agentes, as próprias pessoas que compõem os estilos de vida, se auto classificam, quando fazem opções em adquirir ou portar bens (incluindo o vestuário) que, conforme seu gosto – adquirido através de esquemas de percepção e avaliação em uma experiência de vida determinada por uma condição específica de uma posição no mundo social – diz da sua posição no mundo social. As estratégias de apresentação de si estão nesta direção, servem como autoclassificação, à medida que as próprias pessoas manipulam sua imagem e sua posição no espaço social (BOURDIEU, 1990, pp.159-160).

Na visão de Bourdieu, no interior da divisão de classes está o *habitus* – sistema de práticas e propriedades que organiza a percepção do mundo social, apresentando configurações diferentes, devido a condições de existência distintas, em um sistema de posições diferenciadas. *Habitus* é simultaneamente um sistema de produção de práticas e um sistema de apreciação de práticas e objetos. “A identidade social é definida e se afirma na diferença”, já que diferenças são signos distintivos que independem da intenção de distinguir. O *habitus* apreende as diferenças de condições nas posições sociais, sendo o esquema gerador dos estilos de vida. As afinidades de estilo aparecem nos integrantes de cada grupo



particular, através de preferências sistemáticas e inclinações do gosto, em bens quaisquer que constituam sua existência específica. Se a identidade social condicionada pelo *habitus* separa e distingue as pessoas, em sua dimensão oposta ela também aproxima e reúne. “As afinidades de *habitus* vividas como simpatia ou antipatia estão na origem de todas as formas de cooptação – amizades, amores, casamentos, associações etc.” (BOURDIEU *apud* ORTIZ, 1983, pp.83-84).

Para Bourdieu, as interações que se dão entre os agentes sociais escondem as estruturas que se concretizam nelas, por isso nunca são apenas como se mostram aos observadores. As relações que se estabelecem entre os agentes sociais se dão entre as posições que estes ocupam nas distribuições dos recursos que operam o universo social. Estes recursos, que estruturam o espaço social, são caracterizados como capital econômico, em suas diferentes manifestações e capital cultural. Agentes que ocupam posições semelhantes neste universo social, estruturado por um *habitus*, estilo de vida e concentração de capital simbólico, estão dispostos em condições semelhantes, tendem a ter interesses e se comportar de maneira semelhante, produzindo, portanto, práticas semelhantes. “As disposições adquiridas na posição ocupada implicam um ajustamento a esta posição, o que Goffman chamava de *sense of one’s place*” (BOURDIEU, 1990, p.155).

De acordo com Bourdieu, o problema da visão subjetivista e em certo sentido inclusive dos interacionistas, é desconsiderar na proposição das suas ideias que as diferenças sociais existentes entre as classes e, conseqüentemente, entre os agentes sociais, e que se expressam nas interações, estão inscritas nos corpos, na linguagem e na relação com o tempo e isto são aspectos estruturais da prática social e não criação autônoma do indivíduo, onde as estruturas se reduziram às interações. Por outro lado, a visão objetivista tende a reduzir a interpretação das ações como condicionamentos provindos da estrutura. “A sociologia deve incluir uma sociologia da percepção do mundo social, isto é, uma sociologia da construção das visões de mundo, que também contribuem para a construção desse mundo” (BOURDIEU, 1990, p.157). Os agentes têm uma apreensão ativa do mundo, constroem sua visão de mundo, mas essa construção é operada sob coações estruturais. O *habitus*, isto é, as estruturas mentais através das quais

eles apreendem o mundo social, são em essência produto da interiorização das estruturas do mundo social.

Daí que, para este autor, as percepções de mundo dos agentes sociais são diferentes, conforme as posições que estes ocupam no espaço social. Contudo, o mundo não se apresenta como um caos que vai se construindo em um vazio social, como um empreendimento individual. Também não é totalmente estruturado, em formações de estruturas estruturantes capazes de impor a todo sujeito perceptivo os princípios de sua própria construção. Essas estruturas cognitivas são socialmente estruturadas, têm uma gênese social, sendo mais do que um empreendimento individual, é também um empreendimento coletivo. As propriedades atribuídas aos agentes e instituições apresentam-se em combinações que exprimem as desigualdades dos campos simbólicos, assim como os esquemas de percepção e apreciação individuais, especialmente os que estão inscritos na linguagem. Os agentes interagem no espaço social, tendo por objetivo principal a luta política que se dá dentro dos campos. Esta é uma disputa que utiliza como elementos os que compõem o sistema de práticas de cada *habitus* específico e é este sistema de práticas que vai se estruturando pelas ações dos próprios indivíduos, que estrutura suas próximas interações, em concordância com o esquema de percepções relativo à sua posição no espaço social, pois o *habitus* significa as estruturas mentais através das quais as pessoas apreendem o mundo social e são, em essência, produto da interiorização das estruturas do mundo social.

O conceito de campo, utilizado por Pierre Bourdieu, é importante pra se pensar tanto a sua teoria sobre o espaço social, o lugar da cultura neste espaço, assim como a moda no vestuário que para este autor também dever ser concebida como um “campo”. Por campo Bourdieu entende que são “espaços estruturados de posições, cujas propriedades dependem das posições nestes espaços, podendo ser analisadas independentemente das características de seus ocupantes, que em parte são determinadas por elas” (BOURDIEU, 1983, p. 89). Campo é um conceito que remete a um espaço de jogo, onde existem relações objetivas entre indivíduos e instituições que competem por um mesmo objeto, em geral envolvendo questões relacionadas a reconhecimento e distinção em referência à estrutura de distribuição do

capital específico. Para que um campo funcione é necessário que existam objetos de disputa e pessoas prontas pra disputar o jogo. Essas pessoas são dotadas de um *habitus* específico, como o conjunto de crenças e referências que possibilitem o conhecimento e reconhecimento das leis que funcionam em cada campo, norteadas, portanto, o jogo disputado e os objetos que são considerados especiais nessas disputas. As propriedades de cada campo podem ser mantidas e/ou alteradas pelos agentes que já fazem parte dele ou podem ser propulsionadas pelos agentes entrantes.

Nesse sentido, todas as estratégias de manifestação de um grupo, de suas características, bem como as estratégias de apresentação de si, tratadas com muita atenção, sobretudo por Goffman, são destinadas a manipular não apenas a imagem de si, mas sobretudo, a sua posição no espaço social. E isso não é tratado nem pelos interacionistas, nem pelos etnometodólogos.

Em termos mais concretos, a legitimação da ordem social não é produto, como alguns acreditam, de uma ação deliberadamente orientada de propaganda ou de imposição simbólica; ela resulta do fato de que os agentes aplicam às estruturas objetivas do mundo social estruturas de percepção e apreciação que são provenientes dessas estruturas objetivas e tendem por isso a perceber o mundo como evidente (BOURDIEU, 1990, p.163).

Poderia-se concluir a teoria dialética sobre o funcionamento do espaço social, exposta por Bourdieu, citando uma frase célebre de Pascal, que ele reescreve em *Raisons Pratiques*: “O mundo me compreende e me engloba como um ponto, mas eu o compreendo” (PASCAL *apud* BOURDIEU, 1994, p.28). Esse ponto é um ponto de vista, apreendido a partir de um ponto situado no espaço social, por uma perspectiva definida em sua forma e seu conteúdo, pela posição objetiva ocupada pelos agentes sociais e que definem, então, suas representações.

### **Considerações finais**

Partindo do ensaio teórico acima, que reflete sobre a tensão entre ação e estrutura nas sociedades, pensou-se em como esta tensão se aplica ao fenômeno da moda. Ao longo dos tempos, as modas foram criadas e repensadas como resultado desta mesma tensão que explica grande parte dos

fenômenos sociais. Da mesma maneira que os indivíduos têm autonomia para criarem os modos e usos que lhes aprazem no universo do vestuário, esses mesmos modos e usos são apresentados e representados no espaço social. Isso sempre se relaciona com as posições que estes indivíduos estão ocupando na sociedade. Decorrente disso, outros indivíduos podem se inspirar neste primeiro modo de vestir, criando uma aproximação identitária por afinidade de estilo de vida, crenças, valores e atitudes, bem como podem escolher se diferenciar dos primeiros por apresentar uma percepção de mundo diferente. Assim vão criando uma estruturação dos modos de reprodução de práticas sociais, seguidas pelos indivíduos, mas que foram construídas e, ocasionalmente reelaboradas, por estes mesmos indivíduos.

## Referências

- BOURDIEU, Pierre. "Algumas propriedades dos campos". **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- BORDIEU, Pierre. **Raisons Pratiques – sur la théorie de l'action**. Paris: Éditions du Seuil, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. "Espaço social e poder simbólico". **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- COHEN, Ira J. "Teoria da estruturação e práxis social". In: TURNER, Jonathan e GIDDENS, Anthony (org.) **Teoria social hoje**. São Paulo: Ed. UNESP, 1999.
- GARFINKEL, Harold. **Studies in Ethnomethodology**. Englewood Cliffs, New Jersey, Prentice-Hall, Inc., 1967.
- GIDDENS, Anthony. **A constituição da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- ORTIZ, Renato (Org). **Pierre Bourdieu: Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983, pp. 83-84.